

OK

PROJETO: MEMÓRIA DA EDUCAÇÃO NO DF

ENTREVISTADO: GILDO WILADINO

ENTREVISTADORES: WANDA COZETTI MARINHO E MANOEL L. OLIVEIRA

DATA: 03.03.90

CONTINUAÇÃO...

...essa observação sobre o noturno, é que uma das satisfações que eu tive, foi de poder discutir e apresentar propostas, se aceita proposta de abrir curso noturno no Elefante. Por aquela ocasião, eu já tinha uma... eu não sei o nome, eu acho que era Associação do Ensino Supletivo, que já tinha uma clientela grande, naquela época trabalhavam mais com alfabetização e a base inicial foi na Escola Parque e no Elefante abrimos o curso noturno e houve alguns problemas de falta de professores, porque o Elefante tinha um número grande de cursos. Ainda no começo de 61, reforma da lei posterior, tinha: clássico, científico, técnico em contabilidade, técnico de secretariado e técnico de eletrônica, além disso, abrigava algumas quartas séries ginasiais.

ENTREV.: PROFESSOR, ESSA FALTA DE PROFESSORES ERA NO NOTURNO?

RESP.: No noturno, porque no diurno, a máquina tinha se preparado anteriormente, a administração tinha se preparado. Então, houve necessidade de recrutar professores e foi um processo, inicialmente que a Fundação Educacional resistia, resistiu por serem professores de tempo parcial, quando a idéia era ter professores só de tempo integral. Então, surgiu algo, não deu propriamente sequelas, mas o principal problema na ocasião, foi conseguir professores em quantidade suficiente. Quer dizer, mil e setessentos, mil e duzen-

tos alunos, mais ou menos, de uma sentada à noite, formando um número muito grande de turmas, perto de 40 turmas. Então, foi algo trabalhoso. No começo do ano foi bastante difícil, mas depois normalizou e o ensino noturno se ... (ENTREV.: FIZERAM NOVOS CONCURSOS OU CONTRATARAM?) - ... os contratos foram diretos, inclusive havia a delegação para mim, como diretor de escola, de entrevistar o professor e providenciar o contrato. (ENTREV.: AINDA NO REGIME ESTATUTÁRIO, NÃO É?) - Não! não! tudo era CLT. (ENTREV.: CLT? FOI NESSE ÉPOCA QUE COMEÇARAM...) - Estatutário foi em 63, mais de 63, quando houve o enquadramento geral de professores, aí deu outro bolo no noturno, mas é outra história, é que os do noturno (INCOMPLETO) compromissos e não podiam ser enquadrados e criou outros problemas. Para contar uma história, que eu acho divertida, uma anedota, uma verdadeira, que a gente foi contratando professores, que era uma ordem, tinha que começar a aula logo, então falava um pouco com um, falava com outro, muitos professores não foi eu que entrevistei. E mais tarde, caminhando pela escola, eu não passava assim, os três turnos integral na escola, mas passava uma média de uns doze turnos, uns quinze semanais na escola, inclusive à noite; mais para olhar, caminhar pela escola, ver o que estava acontecendo, se precisava de mim ou não. Entrei numa sala e estava todo mundo no quadro-negro com uma algazarra bastante grande. Escutava o barulho de longe; eu cheguei lá e disse: Olha, gente, vamos sentar. Aí pessoal foi sentando e os alunos não me conheciam como diretor; eu disse: olha, eu sou diretor, por favor, sentem! aí sentaram todos, menos

um; disse: você, por favor, senta! sentou; era o professor da turma, era um bem novinho (RISOS), não tinha manejo de classe, nunca tinha dado aula, ele foi fazer um desenho, mostrar um desenho para os alunos e pediu para eles ajudarem e aquilo ajudou a fazer a farra; todo mundo foi para o quadro-negro e estava todo mundo cristão. Mas chegava a esse ponto, dada essa mudança tão rápida assim, de início nem se conhecer os colegas, não os do diurno que eram todos conhecidos.

ENTREV.: QUANTO TEMPO VOCÊ FICOU NA DIREÇÃO DO ELEFANTE?

RESP.: Até o final de 62.

ENTREV.: TRANSCORRENDO TUDO DENTRO DESSE QUADRO DE IMPLANTAÇÃO, IMPLANTAÇÃO DOS CURSOS NOTURNO E CONTRATAÇÃO DE NOVOS PROFESSORES, DIREÇÃO COLEGIADA? ESQUECI ALGUMA COISA?

RESP.: Não! e tempo integral para os alunos do diurno, o tempo integral levou alguns anos; não sei o ano que foi extinto, mas eu acho que ainda em 64 havia esse tempo integral. (ENTREV.: ATÉ 64?) - Por aí; eu teria que identificar melhor.

ENTREV.: EM 67 JÁ NÃO HAVIA? BEM, DEPOIS... HÁ MAIS ALGUMA COISA QUE VOCÊ QUEIRA REGISTRAR DESSE TEMPO TÃO RICO? É MUITO IMPORTANTE VOCÊ (INCOMPLETO), COMO A GENTE DIZ, PORQUE A GENTE TEM UM CORTE...

RESP.: Foram dois anos muito intensos. Aí, na realidade, o tempo se a gente sai pela memória, era cheio de coisas, lembrar colegas, colegas que morreram... (ENTREV.: JÁ SE FORMAVAM ASSOCIAÇÕES CULTURAIS DE PROFESSORES, DE ALUNOS, TIPO GRÊ-

MIO, JÁ SE FORMAVAM NESSA ÉPOCA, JÁ ESTAVAM SE FORMANDO?)-  
 ...não! não havia grêmios de alunos, se formou uma associa-  
 ção de professores, inclusive entrou num campo forte de  
 reivindicações, que inclusive minha saída da direção do  
 Elefante foi bastante curiosa. Defendi um ponto naquela época, um  
 ponto de vista naquela época, embora bastante reacionário,  
 para alguns, mas baseado no sindicalismo internacional :  
 quer fazer greve? faz greve, corta o ponto; é chefe, se  
 concorda com a greve, pede demissão; não concorda com a  
 greve, exerce suas funções. E em 62, quando a associação  
 organizou a greve dos professores, achei as reivindi-  
 cações justas, fui para o conselho diretor da Fundação Edu-  
 cacional e pedi afastamento da função. Eles disseram que  
 iam resolver a questão, que não ia ser greve, etc .  
 ele : bem, se sair eu corto o ponto; se você garante  
 esses benefícios; garantir os benefícios não satisfaz os  
 professores. E saiu a greve. (INCOMPLETO) um ou dois  
 dias até a professora Ana Bernardes perdeu uma li-  
 cença-prêmio por causa disso e é grande amiga minha. Mas  
 no que acabou a greve, houve umas mudanças na secreta-  
 riá. Essa associação pedia, entre outras coisas, uma lista  
 grande de reivindicações. O meu afastamento da direção. O  
 problema não era meu (I N C O M P L E T O) . Aí  
 o secretário de educação me chamou para ser assessor dele,  
 disse: olha, eu vou fazer uma promoção, você vai ser meu  
 assessor e vai deixar o Elefante. - Ah! deixo sim, mas dei-  
 xe acabar o ano. (I N C O M P L E T O) . Aí ele disse:  
 não! você tem que sair de lá rapidinho para acabar com o

rolo todo! - é! mas agora eu não saio

- então, eu vou lhe demitir! aí, eu fui demitido, o primeiro diretor demitido.

ENTREV.: VOCÊ SE LEMBRA AS CAUSAS DA LUTA DESSA ÉPOCA, DA REIVINDICAÇÃO?

RESP. : Naquele momento era salário, que começava a achatar.

ENTREV.: COMEÇAVA A ACHATAR, PORQUE COMEÇOU COM VANTAGENS, NÃO É? JÁ A ESSA ALTURA, QUER DIZER, DOIS ANOS DEPOIS JÁ COMEÇOU O ACHATAMENTO. BOM, ENTÃO VOCÊ FOI PARA O MINISTÉRIO OU PARA A SECRETARIA?

RESP. : Não! eu fiquei como professor até o fim do ano, no outro ano eu fui chamado aqui para o ministério, aí eu vim ser secretário executivo do Plano Trienal de Educação (I N - PLETO) . (ENTREV.: NO MINISTÉRIO?) - No ministério.

ENTREV.: ENTÃO, A PARTIR DAÍ VOCÊ JÁ VEIO PARA O MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO? NÃO? CONTINUOU...

RESP. : Não! não! eu estou de volta para o ministério depois de muito tempo e numa volta que está demorando, mas provisória . Eu sempre estive vinculado ao sistema... digo, Plano Trienal e depois eu tive incompatibilidade política aqui no ministério... (ENTREV.: EM QUE ANO?) - ...em 63 mesmo. 63 eu peguei... em fevereiro eu saí; começo de 64, porque eu, depois de ter sido aprovado o sistema de desembolso dos Estados, por pessoas políticas, o dinheiro foi sumindo, aí, sem brigar com o ministro, eu pedi dispensa da função. O ministro... (ENTREV.: QUEM ERA O MINISTRO DA EDUCAÇÃO NESSA ÉPOCA?) - Era o ministro interino, Sambaguy; Júlio Sam -

baguy , que também tinha integrado a CASEB. Eu falei com Sambaguy que eu tinha compromisso com os Estados e aí pedi afastamento. Em 64 quando veio o movimento, eu mesmo pedi para retornar para o Distrito Federal e aí fiquei como professor do Elefante. (ENTREV.: VOLTOU COMO PROFESSOR EM 64.) - Mas mesmo em 63, eu continuei lecionando, sempre tinha uma carga horária, uma turma de estatística era um... (ENTREV.: SEMPRE NO ELEFANTE?) - ...eu fiquei no Elefante de 64 a 69. (ENTREV.: LECIONANDO?) - hum-hum!

ENTREV.: BOM, E AÍ, QUE MODIFICAÇÕES ACONTECERAM LÁ NO PLANO METODOLÓGICO, NO PLANO POLÍTICO, PROBLEMA EDUCACIONAL QUE VOCÊ TENHA OBSERVADO?

RESP. : Esse foi um período muito conturbado da... (ENTREV.: BEM TUMULTUADO, NÃO É?) - ...bem tumultuado na vida brasileira, professores foram demitidos logo em 64, houve então muitas mágoas, ressentimentos, amarguras e houve perseguições também

ENTREV.: VOCÊ SENTIU QUE SE INSTALOU ALGUM CLIMA DE MEDO, DE VIGILÂNCIA? MUDOU O CLIMA?

RESP. : Não: a coisa foi pior, no sentido... começou um clima profundo de revolta com a situação, de ressentimento com a situação. E então p e r d e u o Elam. Essa época coincide com o grande crescimento da rede, curiosamente coincide também com a democratização do ensino, no sentido de atender muito às cidades satélites. Mas devido ao crescimento da rede, a administração passou a ser muito centralizadora e os diretores perde

ram, praticamente, toda a autonomia.

ENTREV.: COMO É QUE ERA O MECANISMO DISSO, COMO É QUE SE PROCESSAVA?

RESP. : Não! se criavam escolas. Mas na medida que ia criando escola, criando escola, botando aluno... (ENTREV.: IAM BOTANDO TAMBÉM OS DIRETORES?) - ...iam colocando os diretores e a administração, que não tinha... tinha perdido já as condições, porque o começo do ensino em Brasília foi extremamente elitizado, eram poucas escolas. Então, ficou uma demanda reprimida muito grande. E quando começou se construir nas cidades satélites, que estavam surgindo, se fazendo escola, eu não participei do planejamento nessa época, mas bastante certinha,

do Plano Piloto ;

Quer dizer, tem tantas crianças, vamos botar tantas salas. Quando acabava a construção da escola, já tinha o dobro. Então, as escolas começavam a funcionar em três, quatro turnos diários, mais noturnos, sobre-carga, a ponto tal, que em 70, mais da metade dos alunos do antigo primário, estudavam no diurno em regime de três turnos. (ENTREV.: O CHAMADO: TURNO INTERMEDIÁRIO.) - Não! juntando manhã, tarde e noite, mais da metade dos alunos estavam nesse regime. Intermediário, sempre é o que tem menos matrículas. As escolas têm horário ruim para professor e para aluno, vai se empurrando, mas mesmo quem esteve na manhã ou na tarde é prejudicado, das 7 às 11, de 11 às 3, de 3 às 7. Então, os horários terríveis eram instalados então. E a administração centralizou muito.

ENTREV.: EM TODOS OS SENTIDOS?

RESP. : Em todos os sentidos. Passou a haver normas baixadas assim, no geral. Então, parou a situação de diretores de escolas, teve acesso direto ao secretário, a máquina burocrática foi ficando pesada, cada vez mais pesada

. Antes, quando fui diretor do Elefante Branco, essa situação privilegiada de precisando algum material para a escola ou alguma coisa, eu me dirigia ao diretor do ensino médio e dizia: estou precisando disso e daquilo. E se comprava. E a CASEB, até na montagem do Elefante Branco, eu não era o diretor, a coisa era tão flexível, que as compras eram feitas assim, com uma velocidade espantosa. Se fazia o pedido e alguém corria, fazia a encomenda e daqui a uns dias estava aqui. (ENTREV.: HAVIA AQUELE SENTIDO DE COMPLETAR TUDO, SUPRIR, NÃO É?) - Hum-Hum! nem sempre as compras eram as melhores. (ENTREV.: É? CLARO!) - Uma nota engraçadíssima, eu acho, u m a compra, feita para o departamento de música; aí o diretor do departamento de música, que era o professor Reginaldo, especificou o aparelho que queria, para ensinar aos alunos som, etc. Os aparelhos não eram sofisticados como hoje... (ENTREV.: VOCÊ ESTAVA CONTANDO UMA HISTÓRIA.) - ... e quando foram fazer... os aparelhos não eram sofisticados como hoje e quando pedido, incluía certos instrumentos que permitiam separar sons de orquestra, etc, quem foi fazer a compra achou o pedido luxuoso e comprou um modelo bem mais simples, extremamente mais simples e comprou todo feliz menos de 10% do preço (RISOS). Aí o Reginaldo não

gostou muito, disse... (ENTREV.: OS APARELHOS ERAM BASTANTE "INCOMPLETO" .) - ... a coisa é melhor ainda; o Reginaldo botou disco no aparelho e foi chamar o comprador; uma arara o Reginaldo: veja só que porcaria, esse barulhão e tudo mais; esses aparelhos; essa bateria não está com um som muito bom: que bateria está tocando é instrumento de cordas! (RISOS) e o aparelho só fazia barulho, um terror. Então, nem sempre se tinha tudo que queria. Mas o Elefante Branco teve uma biblioteca muito boa, muito boa . Por exemplo, na parte de história, vários historiadores clássicos, teve toda coleção, documentos brasileiros, toda coleção brasileira, integral, sem faltar um volume. Então, se conseguiu em quase todas as disciplinas, uma biblioteca primorosa, primorosa. Inclusive textos medievais franceses, portugueses, etc., , estava lá. É um negócio que nem na Universidade vinha achar mais tarde. Então, houve muitas facilidades iniciais, mas havia esse acesso fácil do diretor com a administração e a administração central; foi muito flexível . Na hora que a máquina cresceu, começa a ter problema de licitação. Então, chega e compra a cera, a cera está toda rede ; e algumas escolas têm piso branco, recebem cera vermelha, porque na licitação mais barata era a vermelha, então põe vermelha para todo mundo , etc. Então, essa centralização ocorreu, não sei se haveria alternativa, mas foi muito traumática para o sistema. (ENTREV.: E DO PONTO DE VISTA PEDAGÓGICO?) - Ah! muito prejudicial; por quê? (ENTREV.: POR QUÊ?) - Na medida em que a

administração central fazia reunião, uma grande massa de diretores dava instruções e diretores preencher formulários, atender uma série burocráticos, atender uma série de cronogramas para a administração protocolar, se acabou numa situação mais ou menos seguinte, desapareceu a figura do bom, um mau diretor; todo o pessoal só cumpria ordens e só participavam das reuniões e cumpriam o que mandavam. A iniciativa ficou muito tolhida e isso descharacterizou a configuração, a cultura de cada escola, ficaram muito niveladas... (ENTREV.: POR BAIXO.) - ... por baixo, foi baixando.

ENTREV.: BOM, A MUDANÇA DAS LEIS DE DIRETRIZES E BASES?

RESP. : Em 61, saiu a primeira Lei de Diretrizes e Bases e estava em discussão desde 46 e ao menos olhando, como eu era diretor do Elefante Branco naquela época, ficou muito mais flexível lá dentro da escola. classe científica, poder montar na área acadêmica: um curso de ciências sociais, um curso de línguas, um curso de matemática, ciências matemática, um curso de ciências biológicas. O currículo era bastante completo, mas bem diferenciado (ENTREV.: BEM DIFERENCIADO.) e depois com uma grande possibilidade das escolas montarem seu currículo e assim, montarem seus programas. Nesse ponto, 62 foi muito bom. A lei, como toda lei tem suas vantagens e desvantagens, mas foi muito, muito proveitosa. Quer dizer, tirou uma camisa de força, que ainda vinha da época do Gustavo Capanema, de 43, que era a Lei Orgânica do ensino secundário. E a gente lendo o conteúdo da Lei Orgânica, a apresentação da mensagem dizer

claramente: o ensino médio, ginasial e colegial, se destina a formar a elite dirigente do país, pois naquela época, ginásio ainda era elite. E uma coisa que eu acho que tem haver com o problema da educação brasileira, problema qualitativo, é que não se soube democratizar a educação depois de 61. Houve um... se aguçou o sistema. O sistema de ensino não estava muito preparado (INCOMPLETO). Pode pegar em todo o Brasil por essa época, desde o começo da década de 60, o embotamento e a queda de prestígio das grandes escolas das capitais brasileiras. Praticamente todas as capitais brasileiras, os melhores colégios, era colégio estadual: colégio estadual disso, colégio estadual daquilo. A escola normal do estado, de cada estado, era a melhor (escola normal do Estado); o colegial tal, o ginasial tal, eram colégios assim, de elite. Na hora que foi se mexer em quantidade e ampliar o ensino e flexibilizar, faltou capacidade para os administradores escolares em todos os níveis, inclusive os políticos que estavam na Secretaria de Educação, para dominar essa mudança. Inclusive, pegando as estatísticas quanto cresce a matrícula por essa faixa, é alucinante. Aqui em Brasília, na década de 60, a média de crescimento anual do primário, foi superior a 20% ao ano; e a média de crescimento do médio, foi de 25% ao ano; 25% ao ano como juros compostos, significa 100% em três anos só. É:  $1.25 \times 1.25 \times 1.25$ , da uma duplicação e o sistema se mostrou muito frágil para aguentar esse crescimento. (ENTREV.: ATÉ QUE TENTARAM, NÃO É?) - Não controlaram, no sentido de garantir padrões de qualidade no ensino. Ao

mesmo tempo, o nível salarial dos professores baixou. (ENTREV.: É: AUMENTA A REDE E ELES BAIXAM O SALÁRIO.) - E também o sistema político do Brasil, é um clima assim, bem conturbado.

ENTREV.: E QUANDO PASSOU A TER ENSINO PROFISSIONALIZANTE? O QUE QUE VOCÊ ACHA DISSO, MELHOROU OU PIOROU?

RESP. : 72? bom, eu participei, participei e presidi o grupo de implantação da Lei 5692. A nossa proposta, foi pegar uma brecha da lei do grupo, dizia que: poderia ser feitas de experiência nem por isso profissionalizante e então nós mascaramos a proposta, mantendo a situação anterior: técnico-técnico e... (ENTREV.: ACADÊMICO-ACADÊMICO.) - ...e acadêmico-acadêmico, mas foi bombardeado no Conselho de Educação, embora eu fizesse parte dele e foi bombardeado na área executiva e por várias outras pessoas, é tanto que o Conselho Federal vieram opinar que ela não podia fazer isso. Nós tínhamos naquela época, em 71, metade da matrícula da rede oficial, segundo grau era técnica. Aí, agou tudo, quer dizer, misturou todos os cursos, o técnico praticamente acabou. Então, aluno que não queria nada com o profissionalizante, era obrigado a fazer, aluno que não queria nada com o acadêmico, era obrigado a fazer e aí sim, se conseguiu uma grande perda. (ENTREV.: MELOU TUDO, NÃO É?) - Hum-hum!

ENTREV.: VOCÊ QUER INTERROMPER?

.FINAL DA TRANSCRIÇÃO DO LADO "B" DA FITA I, REFERENTE A ENTREVISTA COM O PROFESSOR GILDO WILLADINO.

.BSB / 11.06.92

.TRANSCRIÇÃO FEITA POR BEBETO ALVES.

(QNN 40 CJ "F" CS 01 - CEILÂNDIA/DF, TEL. 376 4167 "recado")